

**A ALEMANHA NAZISTA SOB O OLHAR DE BERTOLT BRECHT:  
UM ESTUDO DA PEÇA “TERROR E MISÉRIA DO TERCEIRO REICH”**

**Rodrigo de Freitas Costa**

Graduando em História pela Universidade Federal de Uberlândia e integrante do Núcleo de Estudos em História Social da Arte e da Cultura (NEHAC)

*Só não posso entender o que há com eles: o que eles querem? Que foi que eu fiz a eles? Em política, eu nunca me meti... Eu não sou uma das mulheres da burguesia, que tem um certo padrão de vida. E por que, de repente, só as mulheres louras têm o direito de viver assim?*

Mulher Judia

Escrita entre 1935 e 1938, *Terror e Miséria do Terceiro Reich* é um vigoroso estudo do cotidiano alemão sob o jugo do Nazismo. Com o objetivo de atingir os exilados alemães, Bertolt Brecht, também fazendo parte do grupo de exilados, utilizou-se de diversas informações advindas da Alemanha e produziu 24 cenas curtas que, reunidas, formam o texto de *Terror e Miséria*. Dessa forma, Brecht consegue desnudar vários temas referentes ao Nazismo e quebrar o predomínio do anti-semitismo como maior, ou única, política empreendida pelos nacional-socialistas. A Alemanha nazista é vista sob diversos ângulos: o do operário, o da pequena-burguesia, o da intelectualidade, o dos trabalhadores nos campos de trabalho forçado, o das famílias pobres, o dos jovens da Juventude Hitlerista, entre outros. É óbvio que não faltam cenas onde os personagens são judeus ou comunistas que vivem sob o signo da intolerância e do medo.

Qualquer ponderação mais ampla em torno da vastidão de temas presentes em *Terror e Miséria* transcende os limites deste trabalho, dessa forma analisarei somente o tema do anti-semitismo presente na peça. A escolha desse tema não foi aleatória e tenta abarcar questões polêmicas e, por isso, extremamente importantes para se começar a entender a política mística, estetizada e preconceituosa do nacional-socialismo que enxergou o judeu como aquele que macularia a raça ariana.

Trabalhar com o nacional-socialismo exige, por parte de quem realiza tal empreendimento, uma reflexão teórica que retire o peso do preconceito imanente ao tema. Não é possível pensar sob o estigma de um maniqueísmo tolo de um judeu bonzinho vítima de um nazista mau. É necessário valorizar o conhecimento histórico e analisar a política nacional-socialista diante de um contexto histórico bem definido, e é por meio da valorização do contexto que analisarei o tema do anti-semitismo de *Terror e Miséria*.

O anti-semitismo é discutido na peça de Brecht em quatro cenas: *Em busca de Justiça*, *Físicos*, *Mulher Judia* e *O Sermão da Montanha*. Em outras duas cenas – *O camponês dá de comer à porca* e *O velho combatente* – é citada a questão dos judeus sob o julgo do nazismo, porém não é o enredo principal da cena.

*Em busca da Justiça* é uma cena que tem como principal discussão o dilema de um juiz que deve proferir uma sentença que envolve três soldados da SA, um judeu e um membro da SS. Os três SA depredaram a loja do judeu, mas segundo os autos do processo os SA foram xingados pelo judeu e seu pobre funcionário. Qualquer decisão que o juiz tomar o irá prejudicar, pois não pode condenar os SA nem o judeu rico que é sócio de um membro da SS. Por fim, sem saber o que fazer e mais condenado que o próprio réu, o juiz diz: “*Estou pronto a examinar minuciosamente todos os aspectos da questão, mas preciso ser informado sobre qual a decisão que atende aos interesses mais altos! (...) Em suma, o que é que esperam de mim?*”

Em *Os físicos* dois cientistas pesquisam ondas de gravitação com a ajuda de Einstein, por meio de correspondências e, por isso, sentem muito medo. Conversam em códigos e entram em pânico quando um dos dois, sem querer, pronuncia o nome do famoso cientista judeu.

Com uma discussão bastante contundente, *Mulher Judia* é uma cena que trata do sofrimento de uma esposa judia que, ao se ver pressionada pelo preconceito, resolve partir para outros país com o objetivo de não atrapalhar os negócios de seu marido. A mulher liga para seus poucos amigos despedindo-se, depois insinera sua agenda telefônica e ensaia a melhor forma de dar a notícia ao marido. Entre suas palavras deparamos com passagens como: “*Que há de errado na forma do meu nariz ou na cor dos meus cabelos? É justo que eu tenha de abandonar esta cidade, onde nasci, para poderem dar a outra pessoa a minha razão de manteiga? Que espécie de homens são vocês, e você também? Inventaram a teoria dos quanta e deixam-se mandar por uns brutos que lhes acenam com a conquista do mundo, mas que negam a vocês o direito de escolherem as próprias esposas.* O marido aceita a fuga da esposa.

*O sermão da montanha* é uma cena onde um moribundo, cercado por sua mulher, o filho com uniforme da SA e um padre, critica a guerra e pede ao Reverendo que cite a parte da *Bíblia* sobre os pacíficos para seu filho, que não aceita o Evangelho por ser invenção de um judeu. Exausto, o moribundo cai na cama sem que o padre cite a passagem da *Bíblia*.

Diante da apresentação das cenas podemos realizar diversas indagações que tentam justificar, ou pelo menos compreender, se possível for, o significado da política de ódio empreendida pelo nazismo contra o povo judeu, nesse sentido, partiremos de duas questões que nos ajudarão a compreender o significado do anti-semitismo. Cabe ressaltar que compreender não significa justificar ou aceitar o ódio contra os judeus, mas somente analisar os fatos de acordo com seu respectivo momento histórico. As questões são: como surgiu e como se tornou forte o anti-semitismo?

Hannah Arendt<sup>1</sup>, ao discutir o anti-semitismo, faz uma veemente crítica tanto aos teóricos judeus, quanto aos não-judeus, que enxergam que o momento de surgimento do anti-semitismo se localiza na ocasião em que há a dissociação dos cristãos dos judeus, e não o contrário. Dessa forma, a pensadora alemã visa encarar a história do anti-semitismo fora de qualquer anacronismo ou esteriótipo, pois, segundo ela, o anti-semitismo surge no momento em que os judeus fazem uma auto-interpretação da causa judaica e enxergam a si mesmo como um povo diferente. Assim, há uma localização temporal para o surgimento do anti-semitismo, entre fins do século XV e início do século XVI, momento de uma relação conflituosa entre judeus e gentios.

Mesmo localizado em um momento histórico determinado e nascido no próprio seio judeu ainda não é possível vislumbrar uma resposta que explique a causa do anti-semitismo ter sido utilizado pela ideologia nazista tornando-se tão forte e causador de tantos horrores, no entanto, temos a clara dimensão da complexidade que envolve o preconceito contra os judeus. O nacionalismo é passível de contestação quando utilizado para explicar o uso do anti-semitismo pelos nazistas, pois estes não eram simples nacionalistas e, conseqüentemente, tinham uma política externa de caráter internacionalista.

Ao tentar explicar a utilização do anti-semitismo pelo nazismo, Hannah Arendt resgata as considerações de Tocqueville sobre a Revolução Francesa com o escopo de demonstrar que foi a perda de poder dos próprios judeus que os levaram a ser odiados pelos nazistas, pois segundo ela:

a perseguição de grupos impotentes, ou em processo de perder o poder, pode não constituir um espetáculo agradável, mas não decorre apenas da mesquinhez humana. O que faz com que os homens obedeçam ou tolerem o poder e, por outro lado, odeiem aqueles que dispõem da riqueza sem o poder é a idéia de que o poder tem uma determinada função e certa utilidade geral. Até mesmo a exploração e a opressão podem levar a sociedade ao trabalho e ao estabelecimento de algum tipo de ordem. Só a riqueza sem o poder ou o distanciamento altivo do grupo que, embora poderoso, não exerce atividade política são considerados parasitas e revoltantes, porque nessas condições desaparecem os últimos laços

que mantêm ligações entre os homens. A riqueza que não explora deixa de gerar até mesmo a relação existente entre explorador e explorado; o alheamento sem política indica a falta do menor interesse do opressor pelo oprimido.<sup>2</sup>

Percebemos que a perda de poder dos judeus os encaminhou para uma política extremamente desrespeitosa que utilizou o terror como arma importante. Tal terror adentrou as esferas do privado e transformou o ser humano em um simples jogo de destruição recíproca ou de autodestruição, como se nota pelas cenas de *Terror e Miséria do Terceiro Reich*.

É interessante atentarmos para a maneira como o ódio contra os judeus adentra o cotidiano e a personalidade das pessoas pelas quatro cenas apresentadas anteriormente. Em uma das cenas, percebemos o problema de um juiz que se vê em difícil situação quando deve julgar um judeu, pois a lei tem um sentido preciso: favorecer a política do Führer. Esse favorecimento deixa o próprio juiz, suposto conhecedor das leis, sem saber o que fazer, ou seja, há uma grande inversão de valores que ultrapassam o próprio anti-semitismo. E isso só é possível por meio da instituição do terror pela força policial, pois o terror torna-se um instrumento para governar as massas.

A imposição do terror pela força é tão veemente que pode ser sentida pelo pânico dos dois cientistas que pronunciam o nome de Einstein, nome que poderia levá-los a uma condenação com ligação com judeus. Nas cenas apresentadas o pânico causado pela força é patente: a mulher judia além de deixar seu marido insinera sua agenda telefônica, a esposa do moribundo sempre tenta calá-lo, o juiz vai para o tribunal como um condenado.

Na verdade, a inversão de valores e a coisificação do ser humano pelos nazistas só foi conseguida por uma série de formas de dominação utilizadas pelo governo nacional-socialista, cuja discussão ultrapassa o objetivo desse texto: lançar algumas considerações a respeito do tema do anti-semitismo por meio de *Terror e Miséria*.

Por fim, cabe ressaltar que a análise do nazismo por meio da referida peça de Bertolt Brecht é um trabalho bastante amplo que requer a discussão de vários temas que englobam a tessitura da ditadura nacional-socialista e, conseqüentemente, sua inclusão nos mais diversos ambientes do cotidiano alemão, por isso, não se esgota em uma curta discussão a respeito do anti-semitismo. Por meio de *Terror e Miséria do Terceiro Reich* temos a possibilidade de perceber a visão individual e cotidiana da vida alemã sob as ordens do nacional-socialismo e se confrontarmos tal visão com as discussões sobre o tema poderemos ser capazes de fugir de preconceitos e enxergarmos a realidade alemã mais de perto.

### Referências Bibliográficas

ARENDDT, H. *Origens do Totalitarismo: anti-semitismo, imperialismo, totalitarismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

BORNHEIM, G. *Brecht: a estética do teatro*. Rio de Janeiro: Graal, 1992.

BRECHT, B. "Terror e Miséria do Terceiro Reich." In: \_\_\_\_\_. *Teatro Completo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991, v.5.

\_\_\_\_\_. *Diário de Trabalho, volume I (1938-1941)*. Rio de Janeiro: Rocco, 2002.

CHIARINI, P. *Bertolt Brecht*. São Paulo: Civilização Brasileira: 1967.

LENHARO, A. *Nazismo: o triunfo da vontade*. São Paulo: Editora Ática, 2001.

PEIXOTO, F. *Brecht: vida e obra*. São Paulo: Paz e Terra, 1991.

---

<sup>1</sup> ARENDT, H. *Origens do Totalitarismo: anti-semitismo, imperialismo, totalitarismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

<sup>2</sup> ARENDT, H. *Op. Cit.* p. 25.